

OS PERCALÇOS DA ESCOLHA: um olhar para a trajetória de Professoras que ensinam Matemática na Rede Pública de São Luís – MA

Thereza Cristinna Vieira Trindade; Rayane de Jesus Santos Melo

Universidade Estadual do Maranhão – Campus Paulo VI, t-cristinna@hotmail.com

Universidade Estadual do Maranhão – Campus Paulo VI, rayanemelo.27@gmail.com

Resumo

Este artigo descreve a trajetória acadêmica e atuação profissional de professoras que atuam na Educação Básica da Rede Pública no Município de São Luís – MA, lecionando a disciplina de matemática, com o intuito de discorrer sobre possíveis dificuldades enfrentadas por elas por fazerem parte de uma área que ainda é considerada do universo masculino. Para isso, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa; para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, por acreditar que este instrumento possibilitaria obter um leque maior de informações para alcançar o objetivo proposto; e, como técnica de análise e interpretação dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, seguindo os pressupostos de Laurence Bardin. Seis professoras, em exercício de sua profissão, aceitaram participar do estudo e, como resultado, percebeu-se que elas, no decorrer do seu processo formativo, tiveram algumas dificuldades quanto ao tratamento diferenciado e ao mesmo tempo constrangedor por partes de alguns docentes da instituição e, no seu ambiente de trabalho ainda passam por certos constrangimentos pelo fato de lecionarem numa área ainda considerada do sexo masculino, por mais que, na atualidade, haja maior participação das mulheres em cursos de graduação dessa área do conhecimento. Acreditamos que este trabalho possibilitará uma reflexão sobre a persistência de uma problemática histórica que é a participação das mulheres na área de matemática, ao mesmo tempo que contribuirá para o entendimento das dificuldades enfrentadas por elas dentro do ambiente universitário.

Palavras-chave: Mulheres na matemática. Formação acadêmica. Atuação Profissional.

INTRODUÇÃO

No início do século passado, a inserção das mulheres nas ciências não era vista com bons olhos pela sociedade, o que restou a algumas delas obterem seus conhecimentos em “raras escolas particulares nas casas das professoras ou o ensino individualizado” (DUARTE, 2003, p. 153) já que não poderiam frequentar escolas. Essa repressão foi imposta porque acreditavam que as mulheres deveriam ser criadas apenas para o casamento matrimonial, pois acreditavam que “o lar é o lugar que mais convém a mulher” (MANOEL, 2008, p. 14).

A inclusão das mulheres no contexto escolar foi imposta aos poucos a partir de 1758, e dessa forma elas teriam o direito ao estudo. Porém, separadamente, dos homens, ou seja, apenas professoras poderiam ministrar aulas para as meninas, e o mesmo aconteceria com os professores do gênero masculino, ministrando aulas somente para os meninos

(SANTANA, 2012). Por mais que houvesse essas restrições um grande passo foi alcançado pelas mulheres, a universalização do ingresso ao ensino escolar, e assim as aproximando do que antes lhes era negado.

No decorrer da história, muitas dificuldades foram enfrentadas para que nos dias atuais houvesse representatividade das mulheres no ensino superior. No que tange a graduação da Licenciatura em Matemática, é perceptível uma maior participação do gênero feminino, embora o domínio ainda seja do gênero masculino (ZANLORENSSI, 2017). Apesar dos aspectos positivos, ainda há a persistência de fatores históricos quanto as formas de tratamento diferenciado e ao mesmo tempo constrangedor que são designadas as mulheres, tanto no seu processo de formação quanto no seu local de trabalho.

A fim de investigar essa problemática e compreender a persistente luta das mulheres em busca do seu espaço em uma área científica e tida como masculina, obteve-se uma série de questionamentos que possibilitou a direção para o desenvolvimento desse trabalho: Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres no decorrer da sua trajetória acadêmica e o que as fez continuar persistindo em uma área masculinizada? Como sobreviver em um meio profissional que as oprimem pelo fato de serem mulheres? Como ainda se pode ter a persistência de um processo histórico, sendo que hoje se tem conhecimento das contribuições feitas por mulheres no passado para descobertas matemáticas? É com a finalidade de encontrar respostas para essas e outras perguntas que esse trabalho foi elaborado.

Considerando estas questões, objetivou-se analisar a trajetória de formação acadêmica de professoras de matemática que atuam no Ensino Médio da Rede Pública no município de São Luís – MA fazendo uso da abordagem qualitativa, para que assim houvesse maior aproximação com as experiências vivenciadas por elas, pois segundo Lüdke e André (1986, p. 26) “a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos”, com ênfase em verificar as dificuldades encontradas no seu processo de formação acadêmica e em sua função docente.

Desse modo, acredita-se que este trabalho possibilitará uma reflexão sobre a persistência de uma problemática histórica que é a participação das mulheres na área de matemática, ao mesmo tempo que contribuirá para o entendimento das dificuldades enfrentadas por elas dentro do ambiente universitário.

METODOLOGIA

Tendo em vista refletir a trajetória formativa e atuação profissional das professoras de matemática que atuam no ensino básico, no que se refere aos percalços vivenciadas por elas, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, por ela possibilitar explicar em profundidade significados e características das informações obtidas sem a necessidade de mensurar quantitativamente os aspectos ou comportamentos e conforme Oliveira (1999), por permitir descrever a complexidade de problemas e hipóteses, e ainda oferecer contribuições no processo de mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Para a coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, pois segundo Luke e André (2014, p. 39) ela possibilita “a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os variados tópicos” e também por “oferecer todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 2008, p. 146). O roteiro da entrevista foi dividido em dois eixos: o primeiro vinculado a sua trajetória acadêmica e o segundo vinculado a sua função docente.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, participaram seis professoras licenciadas em Matemática, apresentadas aqui com codinomes: Ana, Bia, Carla, Beatriz, Joana e Maria. Graduadas por Universidades Estaduais e Federais e que atualmente lecionam na Rede Pública Municipal de São Luís – MA e na Rede Pública Estadual do Maranhão.

As professoras que atuam no Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Maranhão: Beatriz, adentrou na Universidade no ano de 1992 e terminou em 1996; Ana e Bia ingressaram no Ensino Superior no ano de 1993 e terminaram no ano de 1998; Joana e Maria ingressaram no ano de 1999 e terminaram em 2003. Já a professora Carla, iniciou o curso de Matemática no ano de 2003 e concluiu em 2007, lecionando atualmente no Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal.

As transcrições das entrevistas foram interpretadas a partir da Análise de Conteúdo, seguindo os pressupostos de Laurence Bardin. A escolha por esse tipo de análise deu-se pelo fato de que, segundo Bardin (2007), a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a técnica é composta por procedimentos

sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUÇÃO

As entrevistas aplicadas, dividida em dois eixos, objetivaram compreender as dificuldades enfrentadas por professoras de matemática durante sua formação acadêmica na Universidade e atuação profissional no ambiente de trabalho, para que se possa analisar fatores históricos quanto a presença do gênero feminino nessa ciência.

No primeiro eixo, procurou-se analisar a trajetória acadêmica das professoras, tais como ano em que iniciou e terminou a graduação; como era constituída a sala de aula em comparação entre homens e mulheres; as diferenciações de tratamento por parte dos docentes em relação a graduandos homens e mulheres; se já presenciaram comentários discriminatório, dentro e/ou fora da universidade, por ser mulher e cursar matemática.

Iniciado a entrevista, foi questionado as professoras sobre a constituição das turmas do Curso de Matemática nos anos em que cursaram o Ensino Superior. As professoras Ana e Bia afirmaram que a turma era constituída por 50% homens e 50% mulheres; as professoras Carla, Beatriz e Joana informaram que era constituída majoritariamente por homens; e a professora Maria relatou que a turma, na qual fazia parte, iniciou com 9 mulheres e após os oito períodos, apenas duas concluíram.

Segundo Schiebinger (2001), a procura pelas mulheres nessa área da ciência vem desde antes da década de 1960, mais foi só nesse período que representaram, entorno de 50% a 70%, mesmo que poucas conseguissem concluir a graduação, isso mostra a grande procura obtida. Nos dias atuais, ainda com base na autora, “[...] não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito em um empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las” (p. 37). Sendo assim, se torna difícil mulheres querem se aventurar em um campo científico que demonstram exclusão.

Em seguida, perguntamos as professoras, se durante a formação acadêmica, passaram por algum constrangimento ou tratamento diferenciado por parte dos docentes da instituição, na qual apenas a Joana informou que não. Dentre os discursos das professoras quanto aos constrangimentos que passaram, encontramos:

“Tinha alguns professores, que aprovavam as mulheres se elas aceitassem a sair com eles. Inclusive teve um que me deixou reprovada, eu e mais minhas colegas, porque nós não aceitamos sair com ele. Tivemos que fazer novamente a cadeira com ele e mostramos que nós não precisávamos dele para passar”. (Ana)

“Não se tinha muito respeito por parte dos docentes com as mulheres”.
(Bia)

“Alguns usavam da sua autoridade como professor para conseguir chantagear nós mulheres, algumas vezes conseguiam”. (Beatriz)

Diante de tais respostas, podemos perceber fatores condizentes a vivências marcadas por fatos irreparáveis na vida de tais professoras. Razões pelas quais mostra a postura inaceitável partida de um docente, que condiz com os argumentos defendidos por Louro (2001): “tão importante quanto escutar o que é dito é perceber o que é silenciado”, pois elas buscavam, na maioria das vezes, calar-se para tais constrangimentos sofridos. Arriscar o retardamento da sua formação poderia ser visto como inaceitável.

Quanto a discriminação vivenciada pelas professoras no meio acadêmico, Ana, Beatriz e Maria relataram que presenciaram alguns comentários discriminatórios e ofensivos por optarem por cursar Matemática:

Já ouvi dizerem assim: tu és doida em fazer matemática, muito cálculo, isso é coisa para homem. E eu disse: não está escrito que isso é coisa para homem, é coisa para quem gosta e eu gosto de matemática. (Ana)

“Já ouvi palavras ofensivas por cursar exatas. Fingi não me importar para que parassem”. (Beatriz)

“Ouvi comentários como ‘será se ela vai conseguir concluir o curso? Será se ela vai formar ou só está fazendo charminho? Ou será que entrou na faculdade só por entrar na faculdade?’ ”. (Maria)

Nos discursos de Ana e Beatriz é possível perceber a garra e a coragem em enfrentar qualquer tipo de discriminação, pois observa-se a determinação delas em cursar Matemática por gostarem da área. E Barroso afirma que (1975, p. 706): “[...] é possível que a mulher que inicia uma carreira científica tenha de enfrentar dificuldade adicional da desconfiança em sua capacidade, até que tenha a oportunidade de demonstrá-la completamente”.

Com base nas respostas iniciais das professoras, nota-se uma graduação conturbada que deixaram marcas em um momento grandioso de suas vidas, podendo identificar uma rejeição histórica, que ainda aflige professoras do gênero feminino.

No segundo momento, foram realizadas perguntas sobre a vivência profissional no ambiente escolar. Inicialmente, foi questionado as professoras sobre as dificuldades enfrentadas por elas em seu ambiente de trabalho após sua formação acadêmica, especificamente sobre a sua aceitação no corpo docente de uma determinada escola em relação ao primeiro e ao último ano lecionando, e os constrangimentos vividos por elas no

exercício de sua função. A professora Carla foi a única que informou ter sido bem aceita pelos demais docentes desde o início no seu ambiente de trabalho.

Dentre os discursos das demais professoras, observou-se que elas passaram por momentos difíceis no início de sua vida profissional, devido a rejeição por parte de outros profissionais da educação no que se refere ao sexo feminino no mundo das ciências exatas. No entanto, afirmam que atualmente, tudo mudou, como é possível verificar nos seguintes discursos:

“No início foi complicado mais depois melhorou. Sempre tive boa convivência com todos e criei amizade e tudo”. (Ana)

“Passei por poucas e boas, mais estou aqui firme e forte. Hoje está tudo bem tranquilo”. (Beatriz)

“Toda carreira tem seu lado difícil no início, mas têm coisas que foram cruéis e muito me desestimularam por um ou outro momento. Hoje se tem mais mulheres na área e acaba me fazendo bem”. (Maria)

Quanto a constrangimentos vivenciados no ambiente de trabalho por ser do sexo feminino e ser graduada em Matemática, as professoras Ana e Beatriz informaram que passaram alguns, porém preferiram não relatar sobre os mesmos. A professora Joana e Maria afirmaram não ter passado por nenhum. Já a professora Bia afirmou: *“a falta de confiança comigo por ser a única professora na área de exatas da x escola, era constante. Porém não me deixei abater”*.

Percebe-se que, mesmo depois de concluírem a graduação, as professoras continuaram, a serem motivos de exclusão, por parte de alguns professores, dentro do seu ambiente de trabalho. Isso mostra que os estereótipos estão além do contexto universitário, assim reafirmando o que defende LÖWY (2000: 24) “[...] não devemos esquecer que a ciência é um empreendimento de caráter comutativo e que seu passado – do qual as mulheres foram excluídas – continua pesando sobre seu presente”.

CONCLUSÃO

Para finalizar essa investigação, faz-se necessário retomar a questão que lhe dá o título, ou seja, OS PERCALÇOS DA ESCOLHA: um olhar para a trajetória de Professoras que ensinam Matemática na Rede Pública de São Luís – MA, essa questão pode ser colocada de outras maneiras: Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres no decorrer da sua trajetória acadêmica e o que as fez continuar persistindo em uma área masculinizada? Como sobreviver em um meio profissional que as oprime pelo fato de serem mulheres?

Como ainda se pode ter a persistência de um processo histórico, sendo que hoje se tem conhecimento das contribuições feitas por mulheres no passado para descobertas matemáticas?

Este trabalho teve como objetivo esclarecer os questionamentos feitos, tanto da trajetória formativa como da vivência das professoras em seu ambiente de trabalho, e assim contribuir para o entendimento da persistência de fatores históricos que, mesmo depois de tantas conquistas alcançadas, ainda tende a existir.

A partir das entrevistas realizadas com seis professoras de Matemática, que atualmente atuam na Rede de Ensino Municipal de São Luís - MA e na Rede de Ensino Estadual do Maranhão, percebe-se, que escolher essa área da ciência para atuar lhes trouxeram grandes malefícios, que até então era totalmente desconhecido por elas, e, embora isso tenha ocorrido, as mesmas buscaram lutar e conquistar cada vez mais os seus espaços no meio de uma graduação ainda masculinizada, colocando em primeiro lugar a sua vontade de contribuir para a educação fazendo o que mais gostam, lecionar.

Refletir sobre a trajetória acadêmica e atuação profissional das professoras de matemática possibilitou compreender as dificuldades que elas enfrentaram tanto no contexto acadêmico quanto no exercício de sua função. Contribuindo assim, para compreendermos a necessidade que se tem de pesquisar e expor dados que mostrem a historicidade refletida no presente.

REFERÊNCIA

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROSO, C. L. M.; MELLO, G. N. O acesso da mulher ao Ensino Superior brasileiro. **Caderno de pesquisa**, n. 15, 1975.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext>. Acesso: 15 de outubro de 2010.

FREIRE, P. **Conscientização: teorias e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 1. Ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

LOURO, Guacira Lopes (2001). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.

LÖWY, I. Universidade da ciência e conhecimentos 'situados'. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.15 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo.** Maringá: Eduem, 2008.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

OLIVEIRA, M. O. M.. Tornar visível o cotidiano da escola: experiências na EJA. Educação e Contemporaneidade – **Revista da FAEEBA**, vol. 21, n.37, p. 163-172, jan/jun. 2012.

SANTANA, Elizabeth. **A questão histórica da mulher na escola e na sociedade.** Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-questao-historica-da-mulher-na-escola-e-na-sociedade/85301>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

SHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001. (Mulher).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

ZANLORENSSI, Rodolfo. **Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área.** Disponível em:<<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino-superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%A1rea>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.